

# “A honra que não mereço”

por António Souto

Notícias 11/05/82

Notícias  
11 de Maio de 1982

— Muito obrigado por este favor, por esta honra... Honra que eu não mereço. Mas estou velho e dentro de pouco tempo vou morrer. Antes disso quero pedir-vos apenas uma coisa: perdoem-me. — Estas algumas das palavras do septuagenário Enoque Libombo durante a reunião de ontem entre a Direcção do Partido e Estado e os cidadãos comprometidos com o aparelho repressivo colonial.

Durante o dia de ontem além do discurso de abertura do Presidente Samora Machel a reunião centrou as suas atenções na análise dos compromissos de alguns dos membros da «Acção Nacional Popular». A ANP, tal como a DGS e outras instituições foram novos nomes que Marcelo Caetano deu aos mesmos organismos fascistas criados por Salazar, nomeadamente, neste caso a União Nacional e PIDE.

Os membros da ANP mereceram, porém, especial e prioritária atenção relativamente aos PIDEs, Comandos, GEs, GEPs, administradores, OPVs e outros. O Presidente Samora Machel explicou esta prioridade, afirmando que a ANP era como a cabeça do corpo fascista. As restantes instituições eram organismos executores.

Enoque Libombo, antigo membro da ANP, era uma das mais proeminentes figuras no meio dos assimilados instrumentalizados pelo poder colonial. Fundador do antigo Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique, o que lhe deu uma certa posição social em alguns meios este comprometido veio a ser mais tarde um dos instrumentos da propaganda colonial na tecla de uma «sociedade metirracial».

Além de várias «viagens à metrópole» e a outros países europeus, financiadas pelo Governo colonial a figura de Enoque Libombo é por demais conhecida e recordada quando da varanda da ex-Câmara Municipal de Lourenço Marques discursava sobre «a integridade da pátria lusiada» e dava entrevistas à Informação fascista sobre «o bem-estar da população autóctone».

Quando na ONU e noutras instâncias internacionais a política colonial portuguesa era alvo de violentas condenações estes e outros assimilados eram figuras de destaque nas «espontâneas manifestações de desagravo» orquestradas pela ANP.

Ao falar ontem, especialmente com estes comprometidos, o Presidente Samora Machel prestou particular atenção a Enoque Libombo, pelo que ele representou na política de instrumentalização dos comprometidos com o regime colonial.

Chamou-o à tribuna de honra, apertou-lhe a mão e mirou-o por alguns momentos. O Chefe de Estado sorriu com certa ironia. Enoque Libombo quis dizer algo, mas a voz embargou-se-lhe. De seguida o Presidente mandou-o sentar-se de novo no seu lugar. Porém, finalmente, aquele comprometido agradeceu o gesto e conseguiu pedir que o deixasse dizer «duas palavras», ao que Samora Machel acedeu. Enoque desceu hesitante as escadas de acesso à tribuna de honra e dirigiu-se aos microfones, diante de todos os outros cerca de mil comprometidos.

As suas palavras surgiram primeiro numa voz embargada. Mas, depois do seu pedido de perdão, imediatamente aceite pelo Chefe do Estado e seguido de uma longa salva de palmas, Enoque Libombo, apesar da sua idade avançada revelou belos dons de oratória.

Contou várias passagens da sua vida de que retivemos uma história sobre um caso que lhe aconteceu quando de passagem pela África do Sul. Ai, num autocarro, um negro sul-africano que vendia peúgas, ao saber que ele era de Moçambique, disse-lhe: «Oh... You are a commun man» e virou-lhe as costas. Esta frase que no seio da população negra sul-africana é um insulto por desprezo e significa «tu és reles» chocou profundamente Enoque Libombo.

«Eu que em Moçambique tinha aparência de ser uma pessoa importante, que me julgava superior, afinal, nem dentro daquela comunidade negra cabia», disse Enoque recordando a reflexão proporcionada por esta atitude de desprezo de que foi alvo como moçambicano.

«Quer aqueles que desejavam o triunfo da Frelimo, quer os que viviam subjugados pelo colonialismo, quer os que como eu eram mimados pelo colonialismo, todos nós», disse noutra passagem da sua intervenção, «não temos palavras para dizer como nos sentimos felizes. É que hoje temos um Moçambique que é nosso».

O Chefe do Estado ouviu-o com atenção, mas a dada altura interrompeu para recordar a Enoque que quando foram os Acordos de Lusaka ele ficou em casa «muito doente». Porém, logo de seguida, com a tentativa de um contragolpe por parte dos ultra-reaccionários, Libombo saiu imediatamente à rua de ânimo levantado.

Esta dialéctica de recordações teve como fecho o sublinhar pelo Presidente Samora Machel do princípio com que a Frelimo nos educou: «Respeitamos as vidas das pessoas, do ser humano.

o valor da generosidade. A Frelimo ensinou-nos que só os homens pequenos fazem vinganças».

Contudo, disse também que o arrependimento não são apenas palavras, mas acções.

São pois estas acções reflectidas na consciência de cada um que conduzem à transformação real de cidadãos cuja libertação do passado lhes exige agora um esforço redobrado através da sua participação na Reconstrução Nacional.



**Noticias**  
**11 de Maio de 1982**

Enoque Libombo, depois de o Chefe do Estado lhe apertar a mão pediu para dizer «duas palavras». E disse: «...esta honra ...Honra que não mereço». (Foto de Luís Souto)